

THE WHITE HOUSE  
WASHINGTON

September 7, 1972

PERSONAL

Dear Dick:

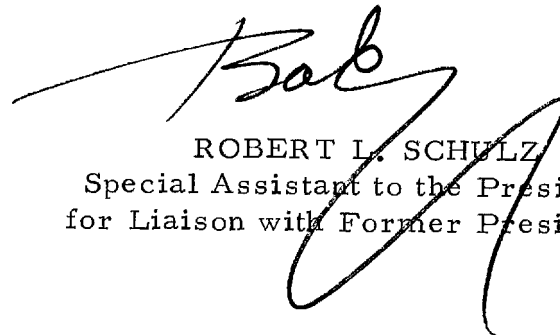
I have not made copies of the attached, but if you haven't already seen it, I cannot help but agree with Louis Reeves, and I assume many others feel the same.

I wonder if the chap in the white shirt on page 129 is the same as the one in the left portion of the photograph on page 130.

In any case, I hope your duties will allow you to come and pay us another visit soon.

All the best,

Cordially,

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Bob", with a large, sweeping flourish extending from the bottom right.

ROBERT L. SCHULZ  
Special Assistant to the President  
for Liaison with Former Presidents

Encls

Lt. General Vernon A. Walters  
Deputy Director  
Central Intelligence Agency  
Washington, D.C. 20505

LOUIS P. REEVES  
Col. AUS Retired

STAT

23 August 1972

Dear Bob:

We are so damn mad that we could chew nails and spit rust. I would like to write to somebody and unload but I don't know to whom - maybe to the President. But I know full well that my letter probably would not get any further than a 13th assistant sub secretary. Therefore, Bob, would you be so kind as to see that our sentiments get to someone in authority who still has some good old American blood in his veins and fire in his eye.

How is it possible that traitors like Ramsey Clark and Jane Fonda can go gallywagging in Hanoi and being given "the Grand Tour"? At the same time the International Red Cross is denied access.

For the information of those who may be interested, I am enclosing a clipping from a recent issue of MANCHETTE - a weekly news magazine published in Brazil. What really galls us is the two page spread of Fonda ecstatically admiring an AA rifle used to shoot down Americans. You will note that picture also shows some housing in the background. So if one of our bombs goes a bit astray and lands among these houses we are immediately accused of purposely bombing civilian residence, schools, hospitals, etc. Also that fiasco of Clark's and his report on his conducted tour. Isn't there something in the books about giving aid and comfort to the enemy?

There is one thing to say about the communist countries they make short shrift of any kind of defection and disturbance. While it is true that they go much too far in their persecution (or prosecution) still and all we go very much too far in our laissez faire attitude. There must be some happy medium in this. Frankly speaking, I am afraid that America is falling apart in the seams what with the lowering of morals, pornography, lack of patriotism, disrespect of law and order, etc. I am quite sure that the Founding Fathers never intended that the Constitution should be so interpreted as form a haven for the criminal or evil minded. And that is the crux of the whole thing.

I could go on for pages like this to completely unload but I think that I have said enough to give you an idea of what we feel. Anyway, thanks for listening. Please give our best wishes to Mr Nixon for his next term.

Sincerely yours,

*Louis*



**Os horrores do conflito no Sudeste asiático são amplamente documentados pelo relato da mais famosa atriz norte-americana da atualidade**

# **JANE FONDA NA GUERRA DO VIETNÃ**



Texto de IVAN ALVES • Fotos de GERALD DAVIS e da Agência Gamma (Do nosso Bureau de Paris, via Varig)

**“O povo do Vietnã se bate com tanques e fuzis, mas também com bодоques e enxames de abelhas, para ter o direito de continuar vivendo no seu próprio país”**

Jane Fonda me recebe num sóbrio apartamento em Chaussee-d'Antin, em Paris. A sobriedade só não é absoluta porque nas paredes brancas estão pregados grandes **posters** de três figuras conhecidas: Ho Chi Minh, Karl Marx e Ché Guevara. Estão presentes, além da entrevistada e do entrevistador, o dono da casa — um francês robusto, de uns 120 quilos, membro do Comitê de Ajuda ao Vietnã do Norte — e o representante de uma agência de notícias, a cujo empinho junto a Jane Fonda se deve esta entrevista. O anfitrião, com gestos largos, insistiu bastante sobre este detalhe, o que não ousei discutir, por motivos óbvios. A famosa atriz norte-americana disse ter razões ponderáveis para recusar entrevistas a publicações burguesas. Depois ela esclareceria melhor a sua recusa, e pareceu-me ter razão:

— Há alguns meses, quando aqui estive para filmar *Tout va Bien*, sob a direção de Jean-Luc Godard, o repórter de uma importante revista francesa procurou um contato comigo. Fiz-lhe ver que a ocasião era impropria, pois eu estava sobrecarregada de trabalho. Numa outra hora talvez o recebesse. Dias depois fui surpreendida com a publicação de uma reportagem de capa na qual me agrediam cruelmente. O texto tentou, inclusive, enlamear o meu relacionamento com o meu pai. Atribuíam, em síntese, uma fundamentação freudiana à luta política que venho desenvolvendo há anos.

JANE Fonda fala com grande rapidez — ora em francês, ora em inglês — e é de uma simplicidade que nem certos artistas muito menos famosos do que ela conseguem ter. Seus cabelos castanhos penteados com naturalidade emolduram o rosto simples, que se ilumina a luz inquieta de seus belos olhos azuis. Ela gesticula muito, e as vezes levanta a gola da blusa de malha verde que cai negligentemente sobre a saia de lã escura. Nada, em Jane Fonda, deixa transparecer que ela é uma das mulheres mais controvertidas da sétima década do século XX.

“Só escondo minha timidez para não frustrar minha atividade política. Mas, no fundo, sou uma tímida, mesmo”, observa a atriz com um sorriso que descobre uns dentes extremamente brancos.

Sobre a mesa em torno da qual conversamos, há numerosas fotografias coloridas, ope-

radas no Vietnã pela própria Jane Fonda.

“Veja esta foto — diz ela. É uma criança despedaçada por estilhaços de bomba, numa cidade aberta, onde não se erguia qualquer objetivo de ordem militar.”

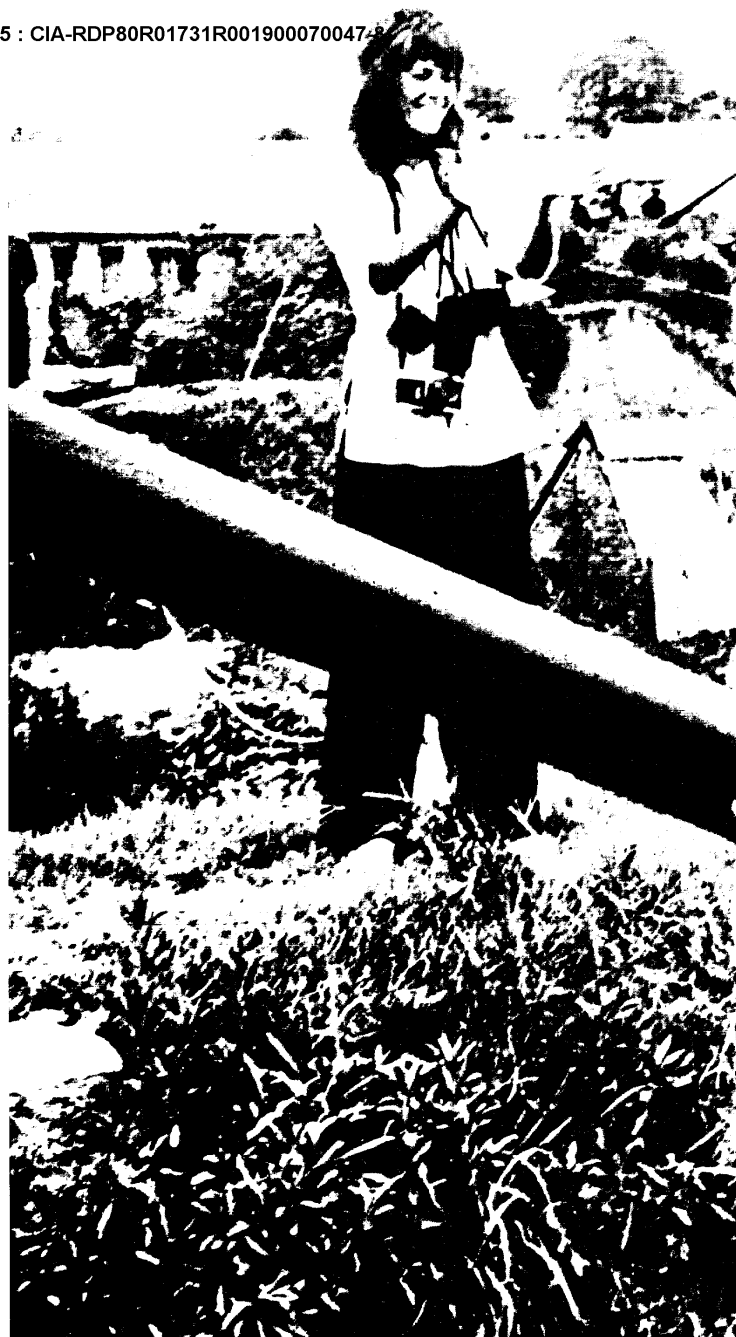
— QUANTOS dias você esteve no Vietnã do Norte?

— Exatamente quatorze dias. Cheguei a 8 de julho e saí a 22. Visitei Hanói e algumas cidades vizinhas, a convite da Associação dos Cineastas da República Democrática do Vietnã do Norte e do Comitê de Solidariedade ao Povo Vietnamita, uma instituição que multiplica suas agências por todas as partes do mundo. Em minha companhia viajou o cineasta francês Gérard-Guillaume, que documentou, ao vivo, as atrocidades que trazem o nazismo de volta à face da Terra. Sai do Vietnã mais engajada do que nunca, na luta em defesa do seu heróico povo.

— O moral dos vietnamitas do norte está realmente baixo, como se propala?

— Absolutamente. O moral deles é alto, inquebrantável. Sua história se confunde, desde milênios, com a própria história da defesa de seu território. Eles lutaram contra os chineses, contra os seus vizinhos, contra os franceses e agora contra os norte-americanos. Nenhum desses países conseguiu vencê-los. Eles se batem com todas as armas, respaldados por uma profunda formação ideológica. Batem-se com tanques e metralhadoras, mas também com bодоques e com enxames de abelhas. É o recurso indiscriminado a todas as armas para ter, diante da poderosa máquina de guerra norte-americana, o direito de continuar vivendo em suas casas humildes mas honradas, e de continuar cultivando os seus arrozais, pelos campos afora.

A entrevista se interrompe em numerosas ocasiões: ora é um refresco servido pela mão peluda do anfitrião, ora é o telefone, que é trazido a Jane pela mesma mão peluda. Pela janela entreaberta entram os ventos frescos da madrugada. É 1 hora — Jane só pôde receber-me a partir das 23 horas — e a conversa prossegue. A atriz afirma que ama a França, onde viveu oito anos, mas não faz qualquer referência a seu ex-marido Roger Vadim. Elogia o trabalho de Jean-Luc Godard, que, a seu ver,



Jane Fonda obteve permissão para visitar acampamento: militares, hospitais e



muito contribuiu para a evolução da linguagem cinematográfica, com a sua leitura crítica dos acontecimentos, e depois acrescenta a uma pergunta formulada pelo repórter:

— Voltei aos Estados Unidos para me inscrever na luta em favor do desengajamento norte-americano no Sudeste asiático. Davam-se, então, os primeiros traços no grande desenho do protesto popular. Organizavam-se os primeiros comitês. Achei que a minha contribuição deveria expressar-se dentro desse quadro. Passei a frequentar reuniões políticas e a visitar cantinas de soldados, levando-lhes material de informação sobre o sentido e as consequências da



escolas no Vietnã do Norte. Volta aos Estados Unidos disposta a denunciar os horrores de uma guerra que, segundo ela, todos devem condenar.

nossa presença no Vietnã. Então fui presa. Isto não me abateu. Pelo contrário, estimulou-me ainda mais. Quando os repórteres foram ouvir-me, à saída de uma audiência judicial, repeti-lhes o óbvio: a minha prisão fora uma prova de que a minha atuação incomodava o establishment.

Faço a Jane Fonda uma observação que não chega a preocupá-la: a ameaça de processo por crime contra a segurança nacional, ou, mais precisamente, por traição.

— Realmente, ameaçam-me com um eventual processo de traição à pátria. Amar um país não é calar diante dos crimes cometidos pela sua cúpula dirigente. Se um governo manda

arrasar maternidades e hospitais, iares e escolas, se determina a tortura ou silêncio diante dela, fingindo ignorá-la, ou simplesmente negando-a com o maior cinismo, qual é o verdadeiro papel dos patriotas? Não é denunciar o genocídio e a tortura? Defender a democracia através do bombardeamento de maternidades e da tortura de prisioneiros políticos, não é moral. É uma prática nazista.

— VOCE se considera divorciada do seu país?

— A pergunta, se não visa a um esclarecimento, é injusta. Amo o meu país, tenho orgulho de seu povo e de sua capacidade de trabalho. Quero, apenas, que

o governo de minha pátria recobre a razão e encerre a lista de crimes na Ásia. Em que medida isso pode significar um divórcio? A minha pátria não é Nixon nem é o Pentágono, a minha pátria é a opinião pública que se mobiliza cada vez mais contra uma guerra que só deteriora a sua imagem perante o mundo. Quem, na Alemanha nazista, se opusesse a Hitler estava divorciado da Alemanha? Por não ter havido essa oposição é que o mundo — incluindo a própria Alemanha — ardeu em chamas. O meu compromisso é com a honra e o futuro dos Estados Unidos, e não com os fabricantes de guerra contra nações humildes, praticamente indefesas.

— Você chorou ao ver os efeitos da guerra no Vietnã?

— Não chorei pelos vietnamitas, que são um povo alegre, forte, que nenhum bombardeio consegue abater e que amanhecem cantando uma das mais lindas canções que já ouvi — O Meu Céu É Sempre Azul. Chorei à visão dos efeitos dos bombardeios. Chorei pelos Estados Unidos, que comprometem sua honra nessa agressão brutal.

Observo a Jane Fonda que seus olhos estão um pouco vermelhos e ela me explica que há várias noites vem dormindo mal, por força de viagens. Saiu de Hanói, via Moscou, e, em Paris, foi tomada pelos compromissos.

SEGUE



De volta do Vietnã, no aeroporto de Paris, a artista Jane Fonda foi assediada por jornalistas e curiosos.

**N**O final da noite, varando a madrugada, ainda me recebia. Assinalou lealmente que não gostava de entrevistas e que só falara espontaneamente a um repórter da *Prensa Latina*, por ser seu amigo pessoal "de várias lutas e caminhadas" e porque amava Cuba e seu processo de emancipação. Os repórteres, em geral, a procuram para que ela fale como uma das mais famosas vedetas do cinema mundial, o que no momento não considera fundamental. Outros pretendem a foto sensacional, "ou, o que é mais detestável, sensacionalista, em pose sexy. E a carreira cinematográfica, como se encontra após tantos êxitos e prêmios internacionais? Jane responde:

— O cinema não é o que me interessa fundamentalmente nessa hora, embora eu seja uma atriz profissional. Ele vale mais como veículo de mensagens revolucionárias. Mas aí é que intervém a dificuldade: o script não é meu, e nem sempre me sinto realizada profissional e politicamente em meus papéis. Joseph Losey, que obteve tanto sucesso com *O Assassinato de Trotsky*, acaba de me convidar para trabalhar com ele. Vamos discutir o assunto. É um diretor inteligente e um homem politizado.

Jane considera "irrelevantes e diversionistas" as especulações que se armam em torno do seu relacionamento familiar. Seu pai, o grande ator Henry Fonda, figura destacada do cinema no período rooseveltiano, quando atingiu os momentos máximos da carreira, pôde pensar diferentemente dela. E daí? O que isso interessa? Devem vê-la, elogiá-la ou criticá-la sob o ponto de vista artístico e político. O

## "Quem disser que os norte-vietnamitas estão abalados, está mentindo. O moral deles é inquebrantável"

problema familiar é "desnecessário e desimportante" para o público. Em seguida ela me informa que permaneceria apenas 72 horas na França, retornando logo aos EUA.

— Quero relatar ao povo norte-americano o que vi no Vietnã do Norte.

**O** que Jane Fonda, a célebre Barbarela do cinema, viu naquele país asiático? Qual foi o exato sentido de sua visita, tão criticada nos Estados Unidos?

— Fui ao Vietnã para conhecer ao vivo o que só conhecia através da imprensa, de livros e de documentários. E o que vi me deixou horrorizada. Parece que Hitler voltou à face da Terra. Vi vagas de Phantom destruindo cidades precariamente defendidas. Eles não poupavam nada: nem escolas, nem hospitais, nem maternidades. Eram bombardeiros de ultraprecisão,

equipados com raios Laser e com câmaras de televisão, que permitem aos artilheiros uma perfeita visão dos alvos.

— E os diques?

— Levaram-me para ver diques com profundas rachaduras. O trabalho de recuperação é intenso, eu diria mesmo prioritário, pois se aproxima no Vietnã a estação das chuvas. O fato de os diques estarem rachados, poderá provocar uma catástrofe de consequências perfeitamente previsíveis. Agora pergunto: maternidades, escolas, hospitais e diques são objetivos militares? A propaganda oficial do governo norte-americano falseia a verdade. É o que vou provar em meu retorno aos EUA. Estive em Phy-Ly, uma humilde cidade nos arredores de Hanói. Estava totalmente destruída. Porquê? — se lá não existiam objetivos militares? A ação só pode ser atribuída a um desejo de intensificar uma inútil guerra psico-

lógica. Um dia, enquanto eu falava pelo rádio, ouvia os ruídos de um bombardeio a dois quilômetros de Hanói. As sirenes de alarme soavam em toda a capital vietnamita, mas o povo se mantinha inabalável, entregue às suas tarefas rotineiras.

Segundo Jane Fonda, os norte-americanos estão usando no Vietnã "as armas mais mortíferas", numa escalada incontível das ações de guerra. Nesse trecho da entrevista, ela diz apoiar a Conferência de Paris, mas entende que as negociações militares não podem estar desligadas das negociações políticas. "Só assim a Conferência terá algum êxito", declara. E os prisioneiros norte-americanos em mãos dos vietnamitas? Como Jane os viu?

**E**LA responde objetivamente: — Estive com sete pilotos norte-americanos aprisionados pelos norte-vietnamitas. Todos estão sendo bem tratados e criticam duramente a guerra do Vietnã. Levo cartas deles para suas famílias, nos Estados Unidos. Eles dizem, em sua correspondência, que, se Richard Nixon for reeleito, a guerra continuará e eles serão mantidos na prisão. Pedem que seus familiares condenem a guerra do Vietnã e apoiem a candidatura de McGovern à Presidência da República, nas próximas eleições. Um desses pilotos escreveu um livro sobre o conflito e quer publicá-lo nos Estados Unidos.

— Como você encara o lançamento do nome de McGovern para a Casa Branca?

— Essa candidatura reflete um estado de espírito. O povo norte-americano se conscientiza — passa a assimilar as reais lições da hecatombe do Sudeste asiático. Creio que após o surgimento da candidatura de McGovern ninguém ousará negar a existência de um movimento contestatário dentro do meu país. Estamos sob uma crise, da qual a criminalidade, a droga e a guerra do Vietnã são sintomas indissociáveis.

**—**VOCÊ acredita numa solução militar para o caso do Vietnã?

— Absolutamente. Só a bomba atômica os venceria. Mas aí meus compatriotas precisam saber que os vietnamitas, que me trataram com o maior carinho, são um povo bom e que apenas querem defender a sua terra. Eles não nos declararam guerra. Nós é que fomos para lá, matá-los sob um dilúvio de bombas. Serão necessários muitos anos para que se apaguem essas manchas das páginas de nossa história. Os verdadeiros patriotas são os denunciadores desses crimes.

